

EDITORIAL

O JORNALISMO COMO OBJETO DE PESQUISA

Copyright © 2013
SBPjor / Associação
Brasileira de
Pesquisadores em
Jornalismo

KÊNIA MAIA
Editora Executiva BJR
FÁBIO PEREIRA E ILUSKA COUTINHO
Editores Assistentes BJR

O primeiro número de 2013 da Brazilian Journalism Research (BJR) traz uma edição de temas livres, reunidos sob um denominador comum: o jornalismo enquanto objeto de estudo. O resultado é um volume que ilustra a rica diversidade de perspectivas teóricas e empíricas que tem marcado as pesquisas em jornalismo no Brasil e em outros países.

Abre a edição da BJR o artigo do pesquisador colombiano Raul Osório (Universidade de Antioquia). Osório defende que, nos estudos de jornalismo, em que pesem as múltiplas interfaces e temáticas em diálogo com outros campos de saber, os questionamentos sobre o Ethos profissional prosseguem como eixo transversal da pesquisa. Em seguida, apresentamos o artigo de Isabel Ferin (Universidade de Coimbra), no qual ela reflete sobre as relações entre cobertura jornalística, comunicação política, crise e corrupção, tendo como foco as democracias ocidentais e, em particular, o caso de Portugal.

Já Beatriz Marocco (Universidade do Vale do Rio dos Sinos) expõe-nos uma leitura do entrelaçamento da pesquisa colaborativa em jornalismo em diálogo com a produção do cinema e da literatura. Em seguida, Luiz G. Motta (Universidade de Brasília) descreve e analisa os paradigmas hegemônicos que marcaram a pesquisa em jornalismo na América Latina em dois períodos distintos.

Dentro dos estudos empíricos em jornalismo, o trio de autores Rui Novais (Universidade do Minho), Sônia Virgínia Moreira (Universidade Estadual do Rio de Janeiro) e Luísa Silva (Universidade do Porto) apresenta uma pesquisa de comparação sobre as culturas profissionais dos jornalistas brasileiros e portugueses, sua confiança nas instituições políticas e como eles percebem as influências no trabalho de produção de notícias. Em seguida, Aldo Schimtz (Universidade Federal de Santa Catarina) e Francisco Karam (Universidade Federal de Santa Catarina) investigam o fenômeno dos spin doctors, termo utilizado para designar os assessores de imprensa “hábeis em maximizar os aspectos positivos

e minimizar os negativos” em relação às suas fontes. No texto, os autores descrevem as ações e estratégias desses profissionais e o modo como a sua atuação pode reduzir ou neutralizar a prática do jornalismo investigativo.

No artigo seguinte, uma análise comparativa entre as notícias mais repercutidas no Twitter e Facebook em jornais de cinco países é a proposta dos autores Gabriela Zago (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e Marco Toledo Bastos (Universidade Federal de Pernambuco). Por sua vez, José Afonso da Silva Júnior (Universidade Federal de Pernambuco) e João Guilherme de Melo Peixoto (Universidade Federal de Pernambuco) apresentam um estudo em que discutem aspectos relacionados com a economia e o financiamento da produção fotojornalística na internet, dentro de uma perspectiva de mudanças estruturais no jornalismo.

Carlos Pernisa Júnior (Universidade Federal de Juiz de Fora) promove uma reflexão acerca da evolução do conceito de “mônadas abertas” no contexto das narrativas digitais contemporâneas. Já Mozahir S. Bruck (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais) relaciona imaginário e modos de representação do jornalismo ao retratar a cobertura da temática do crack em Minas Gerais. Ainda abordando as relações entre os estudos de jornalismo e as temáticas sociais, o artigo seguinte, de Elton Nunes e Eliziane C. Lara (ambos da Universidade Federal de Minas Gerais), estuda a visibilidade do assunto violência contra crianças e adolescentes nos jornais mineiros Estado de Minas, O Tempo e Super Notícia. Fechando a seção de Temas Livres, Leandro Rodrigues Lage (Universidade Federal de Minas Gerais) examina as contradições evidenciadas pelo trabalho de memória operado pelo jornalismo e toma, para estudo, o caso do massacre de Realengo.

Após a seção de artigos, temos, ainda, resenhas de três obras: uma reedição – “Tempo e Narrativa”, de Paul Ricouer; e dois lançamentos – “Imprensa e Belle Époque: Olavo Bilac, o jornalismo e suas histórias”, de Marta Scherer e “Dramaturgia do telejornalismo: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora-MG”, de Iluska Coutinho.

Desde a sua criação, em 2005, a BJR tem sido resultado de um trabalho coletivo e colaborativo e que conta com o apoio de pesquisadores associados da SBPJR e de outras redes de pesquisadores. Nesse sentido, gostaríamos de agradecer a toda a nossa equipe de colaboradores, incluindo autores, membros do conselho científico, pareceristas, revisores, diagramador e o apoio técnico. Desejamos a todos uma boa leitura.